

**AS BAIAS DE GODOFREDO FILHO**

Mônica de Menezes Santos – UFBA –

[momesa@ufba.br](mailto:momesa@ufba.br)

**RESUMO:** A modernidade depositou no destino da cidade todas as suas esperanças, mas o sonho iluminista de cidade ideal fracassou quando nos seus edifícios, praças, fábricas e ruas apinhadas de gente multiplicaram-se a desigualdade, a desestabilização dos valores, a miséria, a exclusão, a violência e a solidão. Num momento pós-utópico, no qual a era das cidades ideais caiu por terra, proliferam-se inúmeros estudos a cerca dos discursos da/sobre a cidade. Dentro dessa perspectiva, o objetivo da comunicação é discutir como Godofredo Filho, escritor baiano modernista, contribuiu para a formação das narrativas que identificam a cidade de Salvador, avaliando a sua atuação enquanto cronista que configurou várias representações dessa cidade.

**Palavras-chave:** cidade, literatura, Godofredo Filho.

São Salvador da Bahia de Todos os Santos, a primeira cidade do Brasil, foi pensada, planejada e concebida pelos portugueses para ser o centro administrativo da colônia, a fortaleza voltada para a defesa do território, o núcleo difusor do capitalismo e o porto por onde deveriam ser embarcadas as mercadorias que abasteceriam à metrópole e desembarcados os negros escravos. Como a maioria das cidades americanas fundadas na época dos descobrimentos marítimos, essa cidade nasceu em função de uma metrópole que pretendia – ainda citando Rama – “ingressar no capitalismo expansivo e ecumênico”<sup>1</sup>, conquistando novos territórios e novas riquezas e convertendo à fé católica grandes contingentes populacionais. Cidade concebida intelectualmente para responder as exigências da colonização, cidade planejada para direcionar o processo colonizador, ela não foi produto de um passado, mas plano – e sonho – de um futuro.

---

<sup>1</sup> Idem. Ibidem.



Essa cidade primeira foi insistentemente escrita e descrita ao longo dos seus 456 anos. Foi paraíso terreal para os cronistas do primeiro século que exaltavam o exotismo das suas frutas tropicais, a exuberância da sua paisagem e se alumbavam perante a “nudez emplumada”<sup>2</sup> dos indígenas. Gabriel Soares de Souza assinala, no seu *Tratado descritivo do Brasil*, a prática da ornamentação fálica entre os tupinambás, os quais cobriam “os membros genitais por galanteria, e não pelo cobrir”. Foi a triste Bahia do barroco-tropical Gregório de Matos e Guerra, o Boca do Inferno, que, dando porretadas verbais numa sociedade marcada pelo culto das aparências, descreveu com avidez e minúcia a ascendência ameríndia que os fidalgos pretendiam sublimar e as relações sociais na Bahia dos setecentos. Foi a cidade messiânica do barroco-católico Padre Antônio Vieira, cujo mito sebastianista queria restaurar adaptando-o aos trópicos. Foi exaltada nos poemas do poeta romântico Castro Alves, filho da cultura urbana e das lutas ideológicas do seu tempo. Foi estratificada pelos viajantes estrangeiros no século XIX, que enfatizavam tanto a beleza da Cidade Alta, erguida em anfiteatro, quanto a feiúra e a imundice da Cidade Baixa. Foi retratada na prosa de Xavier Marques, que soube captar práticas, valores e costumes da sociedade oitocentista baiana, entre as décadas de 70 e 80 do século XIX. Foi a cidade identitária do poeta e ex-escravo Luiz Gama. Foi configurada como cidade negra nos romances de Jorge Amado. Foi a cidade religiosa e mística das crônicas de Vasconcelos Maia. E é hoje, segundo dissemina-se através da indústria cultural, a terra do carnaval, da alegria, da preguiça, do sincretismo religioso, do acarajé, do axé music, da convivência amistosa entre as raças e culturas: uma utopia de lugar que, anualmente, rende milhões de reais para as indústrias do turismo e do entretenimento<sup>3</sup>. Mas é também lugar de miséria, de desigualdade social, de preconceito religioso e da resistência alegre que se prolifera pelas ruas da cidade através da música, da afirmação da beleza negra, da educação étnico-racial,

---

<sup>2</sup> Foi Darcy Ribeiro no livro, *O povo brasileiro*, que escreveu que os índios andavam “vestidos da nudez emplumada”, referindo-se a nudez transfigurada por códigos culturais rigidamente sedimentados e mesmo rígidos dos ameríndios.

<sup>3</sup> Segundo Ana Cristina Santiago, apenas nos dez dias do reinado de Momo em Salvador, por exemplo, surgem cerca de 135 mil postos de trabalho – temporário, é bom que se diga – e movimenta-se algo em torno de R\$ 300 milhões.



do trabalho dos novos quilombolas, como o Ilê Aiyê. Uma arena de discursos: guerra de relatos, parafraseando Certeau.

E é por esses relatos que flano, especificamente pelos relatos do escritor baiano modernista Godofredo Filho, tentando flagrar a contribuição desse intelectual para a constituição de um imaginário sobre a cidade de Salvador. Imaginário este que tem sido cristalizado, repetido e comercializado.

O homem do patrimônio, como era chamado Godofredo por conta do seu trabalho enquanto chefe do 2º Distrito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fazia parte daquela elite que Rama classificou de cidade letrada a qual “compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos os que manejavam a pena estavam estritamente associados às funções do poder.”<sup>4</sup>

Foi como diretor do IPHAN, cargo que exerceu por cinquenta anos (1936 – 1985), que Godofredo Filho alcançou o reconhecimento que o colocaria como um dos mais representativos intelectuais da sua época na Bahia. De posse desse cargo, o escritor tombou, preservou e restaurou diversos monumentos arquitetônicos e tradicionais da cidade colonial barroca. Além disso, escreveu crônicas e poemas nos quais a cidade aparece representada nos seus aspectos físicos e culturais. E, ainda guardou, ao longo de quase toda a sua vida no seu arquivo, incipientemente organizado por ele próprio, textos sobre a cidade. O que me proponho aqui é ler algumas das representações da cidade de Salvador configuradas por Godofredo Filho.

Há a *cidade museu* que, de acordo com o chefe do patrimônio, caracterizava-se por seu passado grandioso que deveria ser resguardado através da conservação dos seus monumentos históricos, os quais serviriam de lição às gerações presentes e futuras. À frente

---

<sup>4</sup> RAMA, Angel. A cidade letrada. In: *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 23-40.



do IPHAN, O intelectual promoveu uma verdadeira campanha com o intuito de preservar o passado monumental da urbe fundada pelo colonizador: “não se acabe, nem se mutile o caráter de uma cidade como a nossa, cuja força maior reside ainda no que foi, ou no que é e será, tanto mais, quanto mais extraordinária e viva sua tradição, o amor de sua beleza passada.” No poema Gostosura, escrito em homenagem a Igreja da Sé, em 1923, quando os jornais baianos iniciavam uma verdadeira campanha para a derrubada da igreja valendo-se do argumento do desembaraço da linha do bonde, o poeta evoca a identidade da cidade pelo casario colonial, pelas torres da igreja e destaca-lhe a trajetória histórica, também em texto escrito sobre a velha igreja para ilustrar uma pintura de Diógenes Rebouças ele escreveu:

Nascida em 1551 ou 1552, aumentada, fortalecida, enriquecida e embelezada durante quase quatro séculos, por sucessivas benemerências dos Reis de Portugal, de Vice-Reis do Brasil, de Governadores e Capitães Gerais da Bahia, de Prelados e doadores, a Sé Primacial teve sua demolição começada em 7 de Agosto de 1933 e concluída poucos meses depois. A demora seria em levantar pedra sobre pedra não se arrastou no tempo em derribá-las. Para satisfazer a ignorância de muitos e a cupidez de alguns destruiu-se o mais importante monumento religioso do país, do ponto de vista artístico menos do que histórico...<sup>5</sup>

A *cidade museu* não se opõe à *cidade moderna*, uma vez que para Godofredo Filho, modernizar significava também preservar. E ele mesmo fala sobre uma concepção errônea de progresso pautada no destruir/construir. Segundo Marshall Berman, a dicotomia destruir/construir é marca característica da modernidade que se confronta com o rápido, e muitas vezes catastrófico, crescimento urbano. A cidade da Bahia, por sua vez, não ficou imune à ideologia moderna de progresso. Muitos dos seus casarios, prédios e igrejas foram “botados a baixo” em nome de uma modernização que pretendia substituir a cidade colonial por uma cidade nova. Sobre este assunto Godofredo Filho se posicionou em vários momentos, enfatizando a necessidade de modernizar sem destruir. Ele buscava articular a cidade colonial, ibero-católico, com a cidade moderna, laica e positivista num projeto

---

<sup>5</sup> GODOFREDO FILHO. Sé primacial. In: REBOUÇAS, Diógenes. *São Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Salvador: Odebrecht, 1996.



modernizador senão contraditório, certamente antagônico, cujo ponto chave era a higienização. Em artigo publicado no jornal *A tarde*, de 03 de março de 1950, escreveu:

O problema e preservação dos aspectos tradicionais da Bahia, daqueles que são mais característicos e dão à nossa velha cidade uma fisionomia inconfundível no panorama brasileiro, está de novo na ordem do dia [...]. Aliás, consideramos mal ao dizer que tal problema está de novo na ordem do dia. Ele nunca saiu da ordem do dia. De muitos anos a esta parte, podemos precisar que, de 1920 em diante, com alternativas de maior ou menor insistência, ele persiste, dos mais prementes e extraordinários, a desafiar solução que só lhe poderá ser dada por homens de inteligência e sensibilidade, e, não, por energúmenos que encontram prazer em derrubar, ao invés de higienizar, nossos velhos casarões de invejável sobriedade plástica, para substituí-los por monstros de concreto em cujos apartamentos se empilharão infelizes inquilinos, e onde, mais tarde, iremos fatalmente encontrar a cabeça de porco ou o cortiço que se quis eliminar.<sup>6</sup>

Higienizar para Godofredo Filho significava reformar os velhos casarões, prédios, monumentos, tendo o cuidado de manter os aspectos originais das suas fachadas. A parte interior das moradias deveria ser reformada para que proporcionasse maior conforto aos seus moradores. No entanto, aqueles que não possuíssem renda para assegurar a reforma higienizante, deveriam ser transferidos para loteamentos populares, tal como aconteceu no pelourinho, cujo projeto iniciado a partir de 1992 para a recuperação do bairro, incluindo a renovação de sua infra-estrutura e a consolidação e adaptação de seus edifícios a funções turísticas, já deslocou mais de 500 moradores que literalmente foram arrancados das suas casas.

Mas essa porção vestuta e bela de Salvador da Bahia não deverá perecer. Temos de saneá-la, de conservá-la. E, se não for possível, como de súbito não será, melhorar o nível econômico de seus habitantes, então façamos uma campanha tendente a removê-los para zonas de maior adequação com suas atividades e posses, onde venham a morar sem recalques, em condições

---

<sup>6</sup> GODOFREDO FILHO. Salvemos à Bahia. In: *Jornal A tarde*. 03 de março de 1959.



de salubridade favoráveis. E que voltem ao coração da nossa cidade colonial os que possam mantê-la viva dentro das prerrogativas que um passado insigne lhe outorgou.<sup>7</sup>

Este segregamento da população pobre que em sua maioria era negra também foi requerida por uma parte da população de Salvador em 1912, quando o Jornal de Notícias fez uma pesquisa perguntado do que mais precisava a cidade. As respostas iam de sugestões para demolição de prédios antigos, como do velho teatro São João, a recomendações para que fossem expulsos os negros da cidade. Os pedidos de deportação da raça negra atestavam, segundo Eneida Cunha, Jéferson Bacelar e Lizir Alves, no texto *Bahia: colonização e culturas* “a amplitude e a profundidade da herança histórica e colonial que a urbanidade queria ver extirpada”.

A ocupação dos espaços na Cidade da Bahia – cuja representação hierarquizada já se configurava desde o período colonial com a divisão dos cômodos das residências, sendo os situados nas partes mais elevadas ocupados pelas famílias e os compartimentos ao rés-do-chão pelos escravos – criou segregações e estabeleceu a inclusão e exclusão no progresso da modernidade. A elite, passando a ocupar as mansões do Corredor da Vitória, Graça e Barra experimentou a inclusão. No entanto, a grande maioria da população da cidade constituída pelo povo, foi afastada dos novos espaços urbanos e dos centros de lazer, vivendo a exclusão ante os benefícios do progresso e passando a habitar a Cidade Negra.

Homi Bhabha, no *Local da Cultura*, fala sobre a ambivalência do estereótipo no discurso colonial que – na representação da alteridade – tanto afirma, quanto nega o outro, a partir de um processo de fetichização, no qual a diferença é ao mesmo tempo objeto de desejo e de repúdio. *A cidade negra*, configurada por Godofredo Filho, divide-se em duas vertentes: uma alegre, mística, sensual (desejada, diria): das negras do acarajé, do carnaval dos grupos afros e dos terreiros de candomblé. E outra triste, pobre e perigosa (a rejeitada): dos

---

<sup>7</sup> GODOFREDO FILHO. Invasões e favelas. In: *Jornal A tarde*. 24 de abril de 1959.



cortiços, invasões e favelas. No poema *Candomblé*, do inédito livro *Samba verde*, escrito em 1923, Godofredo fala dessa manifestação de maneira folclorizante, contribuindo para a constituição de um imaginário da cidade de Salvador, a partir do qual as manifestações dos afro-descendentes tornam-se produtos culturais por seu caráter “exótico”:

Zangam na sala como taiocas  
\_ êh! êh!  
Olhos abertos, esbugalhados,  
\_ êh! êh!...  
os negros minas em reboleios,  
trancos, meneios,  
saracoteios...<sup>8</sup>

No ano de 1959, em dois artigos intitulados *Invasões e favelas*, publicados em 17 e 24 de abril de 1959, pelo Jornal *A tarde*, Godofredo sugere que as invasões sejam eliminadas com a transferência dos seus moradores para áreas afastadas a fim de livrar a cidade do que ele chama de mancha na estética urbana. Eis a cidade negra rejeitada.

Se tomarmos uma carta geral da cidade do Salvador na escala de 1/10.000, não será difícil mostrar, quase de relance, as áreas manchadas pelas invasões ou as que se vão degradando pela proliferação do favelamento.<sup>9</sup>

No poema *Ladeira da Misericórdia*, escrito em 1948, o poeta narra uma cidade negra degradada política, social e economicamente pelo abandono dos seus governantes e habitada por meretrizes (negras e mulatas), bêbedos e fantasmas, mas que ele afirma amar.

Foste rua de prosápia  
e hoje és ladeira de negras,  
de mulatas sifilíticas,

---

<sup>8</sup> GODOFREDO FILHO. *Candomblé*. In: *Samba Verde*. 1923. Livro inédito.

<sup>9</sup> GODOFREDO FILHO. *Invasões e favelas*. In: *Jornal A tarde*. 24 de abril de 1959.



de soldados e de bêbedos,  
ruas de míseras putas  
ou das sombras que entrevejo  
cavalgando desabrido  
ginetes de bruma errante.

Ó, esse amor ignorado  
que só eu te dei, ó ladeira  
de insone Misericórdia:

amor de carne, de sangue,  
de saliva e beijos ácidos,  
amor que sobe no fundo  
dos pântanos seminais.<sup>10</sup>

Nesse texto está visível a ambivalência do estereótipo, na qual convivem tanto a dominação e o prazer, quanto o medo e a recusa. O negro é desejado e amado (embora o amor seja carnal), mas também é execrado e punido com a miséria e a fome. É o discurso colonizador que se repete com tudo que há de normativo, racionalizador e excludente.

Godofredo Filho, escritor, professor, diretor do IPHAN, intelectual produziu e guardou no seu acervo discursos de e sobre a Bahia. Ler esses discursos contemporaneamente, evidenciando as suas contradições, significa, antes de tudo, construir um outro discurso sobre uma cidade que se reescreve continuamente: nos textos, nas imagens, nas experiências humanas, nas tensões de classe, cor, religião, e gênero. A cidade primeira ainda existe, mas também existem outras cidades: São Salvador da Bahia de Todos os Santos, uma cidade composta por muitas cidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>10</sup> GODOFREDO FILHO. *Ladeira da misericórdia*. Salvador: Ed. Macunaíma, 1979.





ALVES, Lizir Arcanjo; BACELAR, Jerfeson; CUNHA, Eneida Leal. *Bahia: colonização e culturas*. (mimeo).

BHABHA, Homi. A outra questão. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-128.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CUNHA, Eneida Leal. Cenas e cenários da cidade negra. In: *Revista Semear*. Rio de Janeiro: PUC/Cátedra Padre Antonio Vieira. Vol. 03. Disponível na Internet via: <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semear.html>. Acesso em 09 de abril de 2004.

GODOFREDO FILHO. *Irmã poesia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

GODOFREDO FILHO. Sé primacial. In: REBOUÇAS, Diógenes. *São Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Salvador: Odebrecht, 1996.

GODOFREDO FILHO. *Ladeira da misericórdia*. Salvador: Ed. Macunaíma, 1979.

GODOFREDO FILHO. Salvemos à Bahia. In: *Jornal A tarde*. 03 de março de 1959.

GODOFREDO FILHO. Invasões e favelas. In: *Jornal A tarde*. 24 de abril de 1959.

GODOFREDO FILHO. Candomblé. In: *Samba Verde*. 1923. Livro inédito.

GOMES, Renato Cordeiro Gomes. *Todas as cidades, a cidade. Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

